

“ANÁLISE DE ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM A PARTIR DE AULAS DE LE E A BUSCA DE METODOLOGIAS (TÉCNICAS) PARA A OTIMIZAÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUAS”

ROSA, Aguida Del Grossi ¹ **SILVA**, Roxane Kelly Barbosa ⁱⁱ

Palavras – chave

Estratégias de Aprendizagem; Aprendizagem; Aprendizagem de Línguas

JUSTIFICATIVA/BASE TEÓRICA

A partir da década de 50, presenciou-se a expansão de uma área até então não muito explorada dentro dos estudos lingüísticos: o estudo da aquisição de uma outra língua, que não a língua materna, isto devido ao processo de globalização econômica e cultural. Este processo continua nos dias atuais, em um ritmo acelerado, e o resultado disto é a necessidade geral de comunicação e interação com pessoas que falem outras línguas e, conseqüentemente almejam alcançar um bom desempenho profissional e social.

O bom desempenho que alguém pode alcançar em sua vida social e profissional esta diretamente ligada a uma boa aprendizagem que pode ser alcançada pela adoção de estratégias de aprendizagem. A boa utilização destas estratégias é reconhecida desde a muito tempo atrás como ferramenta eficaz na construção do aprendizado do individuo.

Antes de haver a conscientização pelo individuo, as estratégias de aprendizagem são utilizadas, na maioria das vezes, sem intencionalidade. Mas, após o mesmo conscientizar, seu uso passa a ser intencional e adequado às diferentes situações que surgem diariamente, tornando estas, imprescindível como ferramenta facilitadora na aquisição do conhecimento.

Para o aprendizado de uma língua estrangeira deve-se levar em consideração que o aprendiz desenvolva as habilidades essenciais desta língua, ou seja, que o mesmo se comunique com proficiência e consiga pleno desempenho nesta ação comunicativa. Para tal ação, é necessário suprir o aluno em suas várias necessidades: curiosidade, satisfação pessoal, ampliação cultural, crescimento humano, integração social e outras. E neste contexto, a criatividade e produtividade são grandemente valorizadas.

Podemos, assim, sintetizar que os estilos de aprendizagem são características internas nem sempre conscientes. Associadas aos estilos estão as ações utilizadas pelos aprendizes, geralmente, de forma consciente, para impulsionar sua aprendizagem. Essas ações são as estratégias de aprendizagem.

Após conscientização das estratégias de aprendizagem, seu uso passa a ser intencional e adequado às diferentes situações do cotidiano, tornando-se especialmente importantes como ferramentas para o movimento ativo e auto-dirigido, na aquisição do conhecimento.

Toda e qualquer ação pressupõe uma estratégia para sua realização. Essas estratégias nem sempre são passíveis de observação, por envolverem um processo mental. Isto também ocorre com as Estratégias de Aprendizagem: algumas são observáveis pelo comportamento do aprendiz; outras, porém, são mais difíceis de detectar. Algumas são utilizadas fora da sala de aula, em situações informais, dificultando a observação do pesquisador.

Podemos deduzir então, que as estratégias de aprendizagem são acionadas para a solução de problemas encontrados no desenvolvimento de qualquer tarefa que nela esteja envolvida conhecimento, independente que seja lingüística, mas toda e qualquer atividade que envolva raciocínio.

Segundo Coscarelli, é de responsabilidade do professor fazer com que os alunos desenvolvam estratégias de aprendizagem mais efetivas, é dele o papel de *“ajudar o aluno a aprender como aprender”*. Algumas características do bom aprendiz de línguas foram citadas acima, ajudando ao professor como ter uma noção de como ajudar os alunos com dificuldades na aprendizagem.

Uma vez conhecendo as estratégias de aprendizagem e as características básicas, inerentes ao bom aprendiz de línguas, pode-se traçar o perfil dos aprendizes para assim ajudar o aluno a vencer obstáculos quanto ao aprendizado de uma segunda língua.

2. OBJETIVOS

Este projeto de pesquisa é sobre os diversos tipos de estratégias e a busca de metodologias para que estas estratégias sejam aplicadas eficientemente. Nosso objetivo, inicial era fazer um estudo bibliográfico sobre as estratégias de aprendizagem de diversos teóricos e, também, pesquisar a eficácia do Laboratório de Línguas da nossa universidade. Foi proposto fazer um paralelo com relação ao início do semestre – em que se trabalhou menos com o laboratório de idiomas – e com o final do semestre em que habitualmente se trabalha mais com o laboratório. Portanto, devido a greve dos professores e funcionários do nosso Campus de Catalão/GO, não foi possível fazer tal paralelo. Assim, podemos apenas iniciar um acompanhamento sobre a eficácia do laboratório, no qual (apenas com este início de observação) podemos constatamos de imediato que tal mecanismo realmente é eficaz, pois proporciona ao aluno um melhor aproveitamento dos conteúdos ali ministrados através de aulas mais dinâmicas e interativas, no qual toda a classe participa e interage uns com os outros.

3. METODOLOGIA

Inicialmente a metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, com discussões das obras pré-selecionadas e sua substituição quando achamos necessário; análise e fichamento da bibliografia específica.

O primeiro momento dos estudos destinou-se à divulgação e apresentação da pesquisa em eventos científicos especializados. Em comunicações individuais em alguns eventos, dentre eles “VI Simpósio de Letras – Língua(gem) e Literatura: Ensino e Pesquisa” ocorrido em nosso Campus de Catalão/GO, intitulado “Análise de estratégias de aprendizagem a partir de aulas de LE e a busca de metodologias (técnicas) para a otimização do ensino de línguas” apresentou-se a pesquisa em desenvolvimento.

Ainda com os estudos bibliográficos em andamento, produziu-se um resumo expandido que foi publicado nos anais do “II Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão da UFG” (COMPEEX) em que foi realizada a comunicação oral para os alunos do PROLICEN no qual tal evento propunha a “Socialização do Conhecimento” dentre os participantes.

Após a realização desses trabalhos passou-se à pesquisa de campo, em que dentre elas estava previsto a observação das aulas ministradas no “Laboratório de Línguas” e a aplicação do questionário adaptado de Oxford (op.cit.) à alunos da Graduação e alunos do “Centro de Línguas” do nosso Campus de Catalão.

A observação das aulas em turmas da Graduação não foi possível devido à greve instalada em nosso Campus de Catalão, sendo que o prazo destinado a mesma coincidiu com o da greve de professores e funcionários deste Campus de Catalão/GO. Sendo assim, o espaço de tempo totalmente reduzido proporcionou apenas a aplicação dos questionários e a observação em sala de aulas do “Centro de Línguas”.

4. ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa de campo iniciou-se com a visita às turmas que serviram de objeto de estudo para nosso trabalho, sendo elas turmas do “Centro de Línguas” totalizando 33 alunos em que foram aplicados os questionários adaptados de Oxford.

Os dados obtidos com os questionários revelam que as estratégias mais utilizadas são as metacognitivas, relacionada às “Estratégias Indiretas” que são aquelas que dizem respeito à organização da aprendizagem, às emoções e interação com outros aprendizes ou professores e as menos usadas são as de memória, cognitivas e as afetivas sendo a de memória e cognitivas relativas às “Estratégias Diretas” que está intimamente associada à própria aprendizagem e as afetivas relacionada às “Estratégias Indiretas”.

Dentre as estratégias metacognitivas, os alunos apontaram como a mais utilizada “prestar atenção quando alguém está falando a língua estrangeira” num total de 23 (vinte e três) alunos dentre os 33 (trinta e três) alunos entrevistados que optaram pela resposta número 5 (cinco) que designa “sempre ou quase sempre verdadeira” e a menos utilizada foi “procurar pessoas com quem possam falar em inglês” que obteve um total de 13 alunos que optaram pela resposta número 1 (um) que designa “nunca ou quase nunca verdadeira”

Nas de cognitivas, os informantes apontaram “primeiro faço uma leitura rápida depois volto e leio cuidadosamente” como a mais usada, com 13 alunos que optaram pela resposta número 5 (cinco) e “tentar falar com falantes nativos de inglês ou pessoas mais proficientes” a menos usada, num total de 26 alunos que optaram pela resposta número 1 (um).

Nas de memória, os entrevistados apontaram “tento estabelecer relações entre o que eu já sei e as coisas novas que eu aprendo em inglês” como a mais usada (11 alunos) e “uso cartões-relâmpagos para lembrar as novas palavras em inglês” como as menos usadas (19 alunos), sendo percebível através das dúvidas apontadas pelos entrevistados (quando os mesmos questionavam) não estar totalmente ciente da eficácia de “cartões-relâmpagos” e nem entender como poderiam usar a todo o momento que as dúvidas aparecerem ou estar em posse de tais “cartões” nestes determinados momentos. Juntamente com a “utilização de diários para anotar os sentimentos” das estratégias afetivas (menos usadas por 30 alunos) foram as mais criticadas por não fazerem parte da cultura acadêmica brasileira, sendo portanto, questionada pelos alunos a utilização de determinados recursos.

Ainda nas estratégias afetivas, a mais usada é “tento ficar calmo(a) sempre que fico com medo de usar o inglês” totalizando 14 alunos que optaram pela resposta número 5 (cinco), denotando a consciência do aluno quanto a ansiedade e o nervosismo perante o aprendizado de uma nova língua.

O surpreendente resultado negativo perante a afirmativa “tento falar com falantes nativos de inglês ou pessoas mais proficientes” pertencente à estratégia cognitiva, no leva a constatar que o aluno teme o uso de seu aprendizado perante alguém que possui mais proficiência por medo (ou até mesmo vergonha) de cometer erros na língua nova que está aprendendo, sendo que, devia ser exatamente ao contrário, no qual o aluno deveria se “atrever” a este procedimento para que o mesmo conseguisse obter maior confiança na sua oralidade, pois é somente usando a nova língua que o mesmo conseguirá proficiência na mesma.

Assim sendo, cabe ao professor deixar bem claro para o aluno que tal estratégia é importantíssima para elevar o seu aprendizado. Um dos caminhos que o professor pode tomar para tentar solucionar esta problemática é promover contatos com falantes nativos da língua estrangeira através dos inúmeros recursos existentes na época tecnológica e moderna que vivemos como: e-mails, cartas, conversas virtuais, etc. O próprio “Centro de Línguas” adquiriu um moderno aparelho que permite ao aluno visualizar em sua própria cabine o acesso à Internet pela cabine do professor, permitindo assim, que os mesmos, tanto professor como aluno, podem criar mecanismos de intercâmbio virtual.

O aluno, através da análise do resultado, teme expor seu aprendizado com medo de ser ridicularizado ou diminuído perante os outros quando o mesmo comete algum erro, sendo a precaução um mecanismo normal perante situações que podem ser constrangedoras, porém, está aberto a observar e tentar apreender o máximo quando capta alguma situação em que a língua está sendo usada, como pode-se constatar no resultado do uso da estratégia de organização (ou meta-cognitiva) em que o aluno (num total de 23 dentre os 33 alunos entrevistados) presta atenção quando alguém está falando em inglês.

Cabe ao professor deixar bem claro ao aprendiz que toda vez que o mesmo tiver oportunidade de ter contato com a língua que está aprendendo, transforme este momento em uma oportunidade única para aprender mais e mais. São várias as chances do contato com a língua de forma natural: assistir a um filme (sem legenda ou sem ser dublado) e fazer uma dinâmica, oral ou escrita, em que os alunos discutam determinadas passagens do filme, no qual consigam lembrar destas passagens em inglês, ou fatos marcantes, ouvir uma canção e tentar cantá-la prestando bastante atenção nos diferentes sons da língua estrangeira, ler uma propaganda em uma revista estrangeira ou mesmo brasileira onde se encontra anúncio total ou parcialmente em inglês, ler um artigo em uma revista ou jornal, impresso ou na Internet, e até mesmo observar o inglês das camisetas. Tudo é válido quando surge uma oportunidade de aprimorar o aprendizado da língua estudada.

Outra constatação foi quanto à resposta negativa quando o entrevistado deparava com afirmativas relativas ao contato com falantes nativos. Tal negatividade deu-se devido a entrevista ser coletada no Campus de Catalão/Go, interior do Estado, e conforme alegação da maioria dos alunos, quase nenhum, salvos três ou quatro dos entrevistados, já tiveram contatos com falantes nativos da língua inglesa devido a localização geografia de onde residem ser um local de poucas visitas por estrangeiros. Assim sendo, os mesmos foram taxativos quanto a sua realidade, não deixando margem para a imaginação caso tivessem deparado com falantes nativos e como agiriam mediante tais situações, como no caso da afirmativa número 46 (quarenta e seis) da estratégia social, em que “peço ajuda a falantes nativos ou mais proficientes” 22 (vinte e dois) dos 33 (trinta e três) entrevistados utilizaram como resposta o número 1 (um) que corresponde à nunca ou quase nunca verdadeira, ficando a dúvida quanto a resposta dos entrevistados: eles nunca pediriam ajuda caso encontrassem com falantes nativos ou nunca se encontraram com falantes nativos para pedirem ajuda?

Cabe neste processo de socialização entre os alunos e os falantes nativos da língua estrangeira em questão a utilização, como dito anteriormente, de mecanismos que possibilitem a aproximação entre ambos.

5. CONCLUSÃO

Alguns pontos negativos podem ser apontados em nossa pesquisa, como, por exemplo, o questionário utilizado na coleta de dados deveria ser sofrer uma adaptação à nossa realidade. Itens como “uso de cartões relâmpagos” e “uso de diários” são

poucos freqüentes em nossa cultura, o que pode acarretar em um desvio na descrição de estratégias de memória e das afetivas. O fato dos informantes não reportarem que usam esta ou aquela estratégia específica não significa, necessariamente, que eles não se utilizam estratégias daquele grupo, ou que sejam deficientes nessas áreas. O ideal é que utilizemos outros métodos de coleta de dados para ter uma visão mais realista dos aprendizes mediante a nossa realidade nacional. A entrevista poderia ter sido um bom instrumento para cruzamento dos dados, mas infelizmente, como os questionários foram aplicados em fim de semestre, não nos foi possível realizar tal procedimento e aprofundar ainda mais neste quesito de tão grande valia para todos os profissionais e leigos interessados em melhorar o ensino e a aprendizagem de uma língua que não a do falante.

Apesar disto, os resultados evidenciam que as pessoas aprendem de forma diferente em decorrência de seus diferentes estilos e contextos de aprendizagem. A sala de aula é apenas um dos fatores que interferem no progresso do aprendiz. Compete ao professor, dentro de um enfoque mais humano, incentivar os alunos a se responsabilizarem por sua aprendizagem, conscientizando-os sobre os processos cognitivos e treinando-os no uso de estratégias mais eficientes. Dessa forma, o professor poderá contribuir para a tomada de decisões que resultarão na formação de aprendizes mais bem sucedidos e autônomos.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA.

'AMORIM, Vanessa; MAGALHÃES, Vivian. *Cem aulas sem tédio*. Instituto Padre Réus.

BROWN, D. *Principles of language learning and teaching*. Englewood Cliffs: Prentice Hall Regents, 1994.

CAVALCANTI, Masrilda C.; LOPES, Luiz Paulo da Moita. Implementação de Pesquisa na Sala de aula de Língua Estrangeira. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada* (17) Campinas: UNICAMP/IEL, p.133-143, 1991.

COHEN, Andrew D., WEAVER, Susan J, & LI, Tao-Yuan. *The impact of strategies-based instruction on speaking a foreign language*. Minneapolis: National Language Resource Center / The Center for advanced Research on Language Acquisition, 1996. 48p. (Relatório)

CORDER, S. P. Strategies of Communication. In: FAERCH, C.; KASPER, G. (ed.) *Strategies in interlanguage communication*. London: Longman, 1983. p.15-19

COSCARELLI, C. v..*Estratégias de Aprendizagem de Língua Estrangeira: uma breve introdução*. Educação e Tecnologia. Belo Horizonte: CEFET/MG. 1997.

OXFORD, Rebecca L., *Language Learning Strategies – What Every Teacher Should Know*. Boston: Newbury House, 1990.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Input organization, In: LEFFA, Vilson J. Input organization. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p.311-322

TARONE, E. *Communication Strategies, foreigner talk, and repair in interlanguage*. *Language Learning*, v.30, n.2, p.417-431, 1980

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FONTE DE FINANCIAMENTO – PROLICEN/UFG.

ⁱ Bolsista de iniciação científica do PROLICEN (maio à novembro/2005). UFG/CAC. aguidagrossi@bol.com.br

ⁱⁱ Orientadora. UFG/CAC. rkellybs@hotmail.com